

APRESENTAÇÃO

É com enorme satisfação que trazemos a público o primeiro número de nossa *Nova Revista Amazônica*. Temos uma meia dúzia de razões, mas a que se destaca é a possibilidade de dar continuidade a um projeto que iniciou no século XIX, pelos esforços do paraense e, acima de tudo, amazônida José Veríssimo (1857-1916), que, com todos os esforços da época, publicou o periódico *Revista Amazônica* no período de 1883-1884. A arguta visão de Veríssimo para seu tempo, refletida na diversidade de suas atividades – foi, além de crítico literário, escritor, etnógrafo, pedagogo e livre pensador –, lança-nos o desafio de dar continuidade a esse projeto de pensar a Amazônica, desta feita com perspectivas bem mais amplas, uma vez que os tempos são outros. Não resta dúvida de que é uma empresa desafiadora e de grande monta, mas como não devemos esquecer a lição de Veríssimo, que no primeiro número de sua revista já indicava que para a região havia a necessidade de não apenas ter olhos em suas riquezas naturais e explorá-las, acima de tudo havia a necessidade de “gerar ideias, trocar pensamentos, desenvolver progresso moral”, sentidos estes que, resguardadas as limitações epistêmicas do momento, ainda são necessários par quem quer realizar estudos e investigações na Amazônia.

Por isso que, apoiados em múltiplas falas e sentidos, este número vem à baila com significativa participação de atores de pensamentos diversos, origens diversas e formações diversas, daí que a palavra que resume o presente volume é “diversidade”. Como número inaugurador, optamos por essa orientação, mas a partir do próximo número teremos um recorte mais específico acerca da Amazônia. Assim é que disponibilizamos ao leitor os seguintes artigos: “Considerações sobre literatura e institucionalidade”, de Rafael Soares Duarte (UFSC), em que são tratadas questões atinentes ao ensino de literatura, considerando-se a potencialidade formadora de intelecto e o contraponto com a abordagem historicista do literário; “Out of place and time: the queer time and space of Milton Hatoum’s *The Brothers*”, de autoria de Davi Silva Gonçalves (UFSC), tratando do pós-colonialismo a partir do romance *Dois irmãos*, do amazonense Milton Hatoum, na perspectiva de problematização do tempo e do espaço na narrativa e consequente descentramento dos discursos hegemônicos; “Vampiros: o mito é o nada que é tudo ou de todos”, de Salma Ferraz (UFSC), que

aborda a evolução da literatura que tem como tema os vampiros, desde Bam Stoker até Sthephenie Meyer; “As vivências do candomblé na poesia ancestral de Oliveira Silveira”, de Manoela Fernanda Silva de Matos (UEL), que discute a produção literária do poeta afro-gaúcho Oliveira Silveira, analisando seus poemas sob o enfoque da religião afro-brasileira (batuque afro-rio-grandense), memória e ancestralidade; “Arquétipo e representação na telenovela: lugar comum e espaços discursivos na representação do mesmo nas *protagonistas-helena* de Manoel Carlos”, de Cristia Rodrigues Miranda (UFMG), versando sobre a constituição de arquétipos e estereótipos, na composição televisiva das *personagens-helenas* do escritor Manoel Carlos, considerando a lógica da indústria cultural e da cultura de massas; “Estratégias de aquisição de vocabulário adotadas por alunos de Letras na aprendizagem de inglês como língua estrangeira”, de Ariane Perônio Maria e Gabriela Quatrin Marzari (UNIFRA), que trata das estratégias de aquisição de vocabulário que são mais frequentemente adotadas por aprendizes de Inglês como Língua Estrangeira e, portanto, mais eficientes do ponto de vista metodológico; e “(Des)silenciando os rastros da Marujada de São Benedito em crônicas da revista Bragança Ilustrada” de Larissa Fontinele de Alencar (UFPA), que analisa duas crônicas sob o enfoque do silenciamento dos rastros de memória de afrodescendentes que originaram a Marujada de São Benedito, na cidade de Bragança(PA).

Acreditamos que com essa diversidade de temas e abordagens podemos oferecer a você, leitor e leitora, uma possibilidade de estabelecer diálogo profícuo não somente com os textos e com os autores, mas também com nossa proposta de estabelecer esta Nova Revista Amazônica, renovada, mas sem desconsiderar o passado, fruto de idealismo posto em prática há mais de um século e que agora é retomado por quem quer e deve conciliar tradição e modernidade: eis o nosso caminho. Boa leitura e queremos, em breve, também contar com sua colaboração.

Editor
Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes

Bragança, 30 de junho de 2013